

## População recebe mais dois centros de saúde

Samambaia completará nove anos de existência neste domingo com a saúde melhorada. A cidade ganhou nesta semana dois novos centros de saúde, que atenderão moradores das regiões Sul e Norte.

Os novos centros se juntam a outros dois, reforçando o sistema de saúde da cidade, que ainda carece de um hospital público. A construção ainda depende de recursos da ordem de R\$ 23 milhões, segundo estimativa de representantes do governo local. Não há previsão de quando o hospital será construído.

Os dois novos centros foram inaugurados na última quarta-feira e estão funcionando com atendimento restrito a algumas especialidades médicas. Mas segundo informações da Diretoria Regional de Saúde de Samambaia, a partir do início de novembro, os centros estarão atendendo normalmente.

O Centro de Saúde Nº 3 foi construído na QN 429, em Samambaia Norte. Ele abrigará duas equipes do Saúde em Casa e receberá pacientes das quadras 427, 429, 431, 433, 629, 631, 633 e da área rural situada nas imediações dessas quadras.

A partir de novembro, a população poderá receber atendimento odontológico num consultório montado dentro do centro. No local serão feitas marcações e coletas de exames, consultas com ginecologistas, nutricionistas, cardiologistas e assistentes sociais. O centro também abrigará uma sala de vacinação para adultos e crianças a partir do próximo mês.

Situado na QN 512, em Samambaia Sul, o Centro de Saúde Nº 4 é a nova sede da Regional de Saúde da cidade. Ali também está funcionando a Inspetoria de Saúde de Samambaia — órgão responsável pela fiscalização sanitária da cidade.

Além das especialidades médicas comuns a qualquer centro de saúde, como ginecologia e pediatria, o Centro Nº 4 vai oferecer à comunidade atendimento em especialidades como homeopatia, cardiologia, pneumologia e dermatologia. Pequenas cirurgias — para retirada de verrugas e cistos, por exemplo — também poderão ser feitas no local a partir de novembro. O centro também abriga um consultório dentário com quatro cadeiras.

### ATENDIMENTO

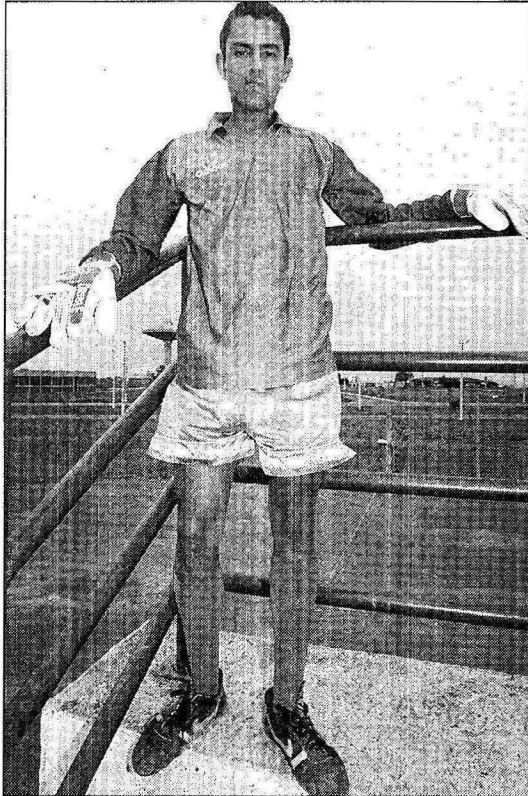
Como o sistema de saúde no DF é hierarquizado, a população não é atendida diretamente nos centros, mas por meio de encaminhamento feito por profissionais da Saúde em Casa. “Os moradores devem procurar as unidades do Saúde em Casa. Após uma avaliação, os médicos do programa vão ver se há necessidade de encaminhá-los para um centro de saúde ou para um hospital”, explica o diretor da Regional de Saúde de Samambaia, o médico Flávio Campos.

Segundo Campos, o Saúde em Casa atende atualmente 100% dos habitantes das áreas urbana e rural de Samambaia. Mas ele reconhece a necessidade da construção de um hospital numa cidade que não possui, por exemplo, nenhuma maternidade e onde há, em média, 12 partos por dia. “A cidade precisa de um hospital, mas se não houver trabalho educativo e preventivo junto à comunidade, esse hospital vai se tornar um depósito de doentes”, diz. Atualmente, casos de doenças mais graves de moradores de Samambaia são atendidos nos hospitais regionais de Ceilândia e Taguatinga.

“Fiquei contente com a inauguração do centro de saúde, mas preferia um hospital. Quando a gente é atendido pelo pessoal do Saúde em Casa, eles nos mandam para o hospital. Acaba dando na mesma”, diz Marifran Domingos, 17 anos, moradora da cidade.

## SENSO COMUNITÁRIO É MAIOR TRUNFO DOS MORADORES DA CIDADE ANIVERSARIANTE

Fotos:Edson Gês



### ESPORTE É VIDA

Maurílio da Silva é goleiro do Natureza, time que está em quinto lugar em um dos campeonatos locais: futebol em Samambaia é incentivo para jovens saírem das ruas



### AO FUTURO

O agricultor Hidetada Sambuiche se orgulha de morar em Samambaia: administração local se mostrou mais favorável para realização de projetos que proporcionem mais qualidade de vida para a comunidade



# SAMAMBAIA PELAS PRÓPRIAS MÃOS

Nicolas Bonvakiades  
Da equipe do Correio

Quanto tempo leva para uma **multidão se tornar um povo** com identidade, valores e hábitos comuns e um aglomerado de barracos se tornar uma cidade? Como a interação das pessoas com o lugar pode mudar a vida? Um dos frutos mais recentes, no Distrito Federal, do sistema de exclusão social resultante do processo de desenvolvimento adotado no país é Samambaia. Em nove anos de existência, o assentamento vai se tornando uma cidade de verdade. As dificuldades estruturais são superadas com obras de infraestrutura, boa vontade e organização popular.

Uma população heterogênea estimada entre 161 mil e 165 mil habitantes concentra diferenças de origens e culturas. Isso, numa comunidade pobre, já seria motivo para muito conflito — e foi. A batalha diária na superação das dificuldades comuns no dia-a-dia; entretanto, uniu essas pessoas de ideais e ideologias diversos.

As dificuldades existem, ninguém nega. Mas no discurso dos moradores, sempre se encontra algo de bom dito sobre a cidade. Não são belos prédios, monumentos ou jardins que fazem essa gente se orgulhar do lugar onde vive, mas o fato de ser protagonista na construção da história de Samambaia.

O italiano Alberto Trombini, 55 anos, é o pároco da Igreja de Santa Luzia. Há três anos em Samambaia, ele constrói a futura maior creche do Distrito Federal na QN 508. Com experiência em outras localidades do Brasil e do mundo, padre Alberto aponta a velocidade do desenvolvimento de Samambaia como algo que o impressiona. “Aos olhos de quem vem de fora, dificilmente se fariam tantas obras de infraestrutura em tão pouco tempo em qualquer cidade do mundo”, diz.

O padre não foi indicado para a paróquia samambaiense à toa, tem a fama de ser um construtor. Em suas passagens pelas regiões Norte e Sudeste, deixou uma “trilha de tijolos” reunidos em creches, abrigos e moradia para necessitados. De problemas sociais e construção, ele entende.

A quantidade de escolas de Samambaia é algo que agrada o pároco. “Mas ainda precisamos de uma escola técnica para formar os meninos para o trabalho”, sugere. Membro do Conselho Comunitário de Segurança da cidade, aponta a insegurança como um problema a ser superado. Padre Alberto também sonha com avenidas arborizadas. “Temos grandes espaços abertos que não são bem cuidados. A cidade vai ficar bonita com mais verde”, opina.

Joédison Alves 19.5.98



### MÃOS À OBRA

O padre italiano Alberto Trombini, 55 anos, está construindo a maior creche do Distrito Federal em Samambaia: quem vem de fora não imagina que tantas obras de infraestrutura foram realizadas na cidade

### ESPORTE PARA DRIBLAR A MARGINALIDADE

Existem mais de 300 campos de futebol em Samambaia, além do estádio da cidade. São campos de terra irregular onde, na época da seca, o movimento da bola faz subir nuvens de poeira e, na chuva, escorrega difícil com a lama e as poças d'água. Ainda assim, é o esporte favorito e melhor opção de lazer para a maioria dos moradores.

Para o estudante Maurílio Tadeu da Silva, 16 anos, é bem mais que uma diversão. “O futebol, em Samambaia, é

um incentivo para os jovens saírem das ruas”, afirma. Ele é goleiro do Natureza, time que está no quinto lugar num dos campeonatos mirins da cidade, há dois anos e meio. Antes de se tornar um craque, Maurílio conta que ficava pelas ruas, “às vezes, pensando besteira, por falta de ocupação”.

Maurílio mora na QR 501, quadra que foi *quartel-general* de uma das mais violentas gangues de jovens marginais de Samambaia. O futebol foi uma forma de não se envolver com essa turma. “Se o cara não tiver amizades, acaba se enturmado com quem não deve”, ensina. “Se a Administração incentivar o esporte, vai

tirar os jovens da rua”, diz.

Maria Clara Mendes Jansen, 41 anos, mora em Samambaia há nove anos — é uma das pioneiras. Há oito, mudou-se para a QR 429, na Expansão, onde começou a desenvolver, em 1998, o projeto Mulher Viva, envolvendo 40 mulheres em grupos de discussão e cursos profissionalizantes.

Os mutirões e movimentos de organizações populares são uma constante na cidade. A iniciativa do grupo de Maria Clara é reeditada por outros em trabalhos cooperativos de construção, cultivo de hortas, trabalhos manuais, até mesmo de estofamento.

Para Maria Clara, duas coisas fazem da área onde vive um lugar bom de morar: o recém-inaugurado Posto de Saúde e o asfalto que aos poucos vai cobrindo as ruas poeirentas na época da seca e lamacentas durante as chuvas. “Samambaia é um lugar que gosto muito. Aqui lutamos muito pelas obras e conseguimos que sejam feitas. É aqui que estou vendo meus filhos crescerem”, diz a mãe de quatro filhos com idades entre dez e 19 anos.

### UM FUTURO COM MAIS QUALIDADE DE VIDA

Um vale ao redor dos córregos Cortado, Taguatinga e Samambaia determina os limites entre as duas cidades que têm os nomes dos mananciais e Ceilândia. Nessa área concentram-se diversas comunidades rurais num cinturão verde ao redor das matas ciliares que são áreas de preservação ambiental.

Morador de uma dessas áreas que nunca se definiu bem se fica em Samambaia ou Taguatinga (até porque os taguatinguenses não queriam ter o título de samambaiense), o produtor rural e ambientalista Hidetada Sambuiche optou por ser um cidadão samambaiense. “Isso aconteceu por causa do Orçamento Participativo. Tínhamos projetos para a área rural que foram mais bem recebidos pela Administração de Samambaia do que de Taguatinga”, diz.

Hidetada aponta o momento histórico do desenvolvimento de Samambaia como mais vantajoso que de outras cidades. “O Plano de Desenvolvimento Local (PDL) da cidade já está pronto para ser votado pela Câmara. A comunidade participou bastante, e ficaram garantidos os espaços de convivência pública como praças e áreas de esporte”, conta. Na visão do ambientalista, isso vai garantir melhor qualidade de vida do que nas vizinhas.

Hoje, com 30 anos a menos que Taguatinga, Samambaia tem redes de esgoto e estação de tratamento antes do despejo no córrego — a vizinha até hoje não tem. Os projetos de área para universidade, feira de produtores rurais e parque agropecuário também empolgam Hidetada. “A feira e o parque serão modelos para o resto do Distrito Federal, até para o Plano Piloto”, aposta.

Por estar às margens da BR-060, a cidade tem a localização ideal no corredor de desenvolvimento da região. A Área de Desenvolvimento Econômico (ADE), em sua visão, garantirá empregos próximos à área residencial — a vida será mais confortável. “É uma cidade onde haverá equilíbrio entre desenvolvimento e qualidade de vida”, avalia Hidetada.